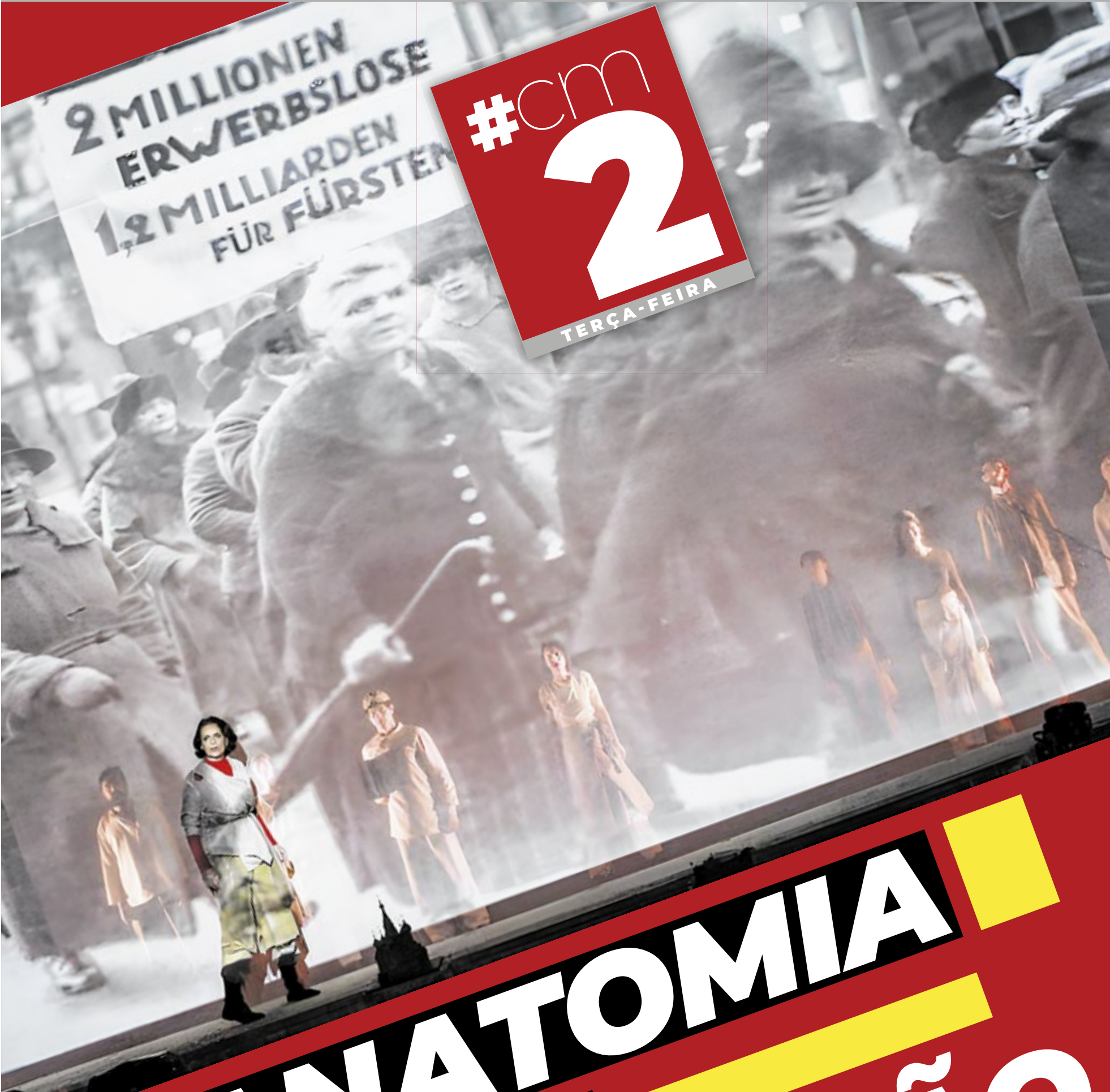




A ANATOMIA DE UMA DEPORTAÇÃO

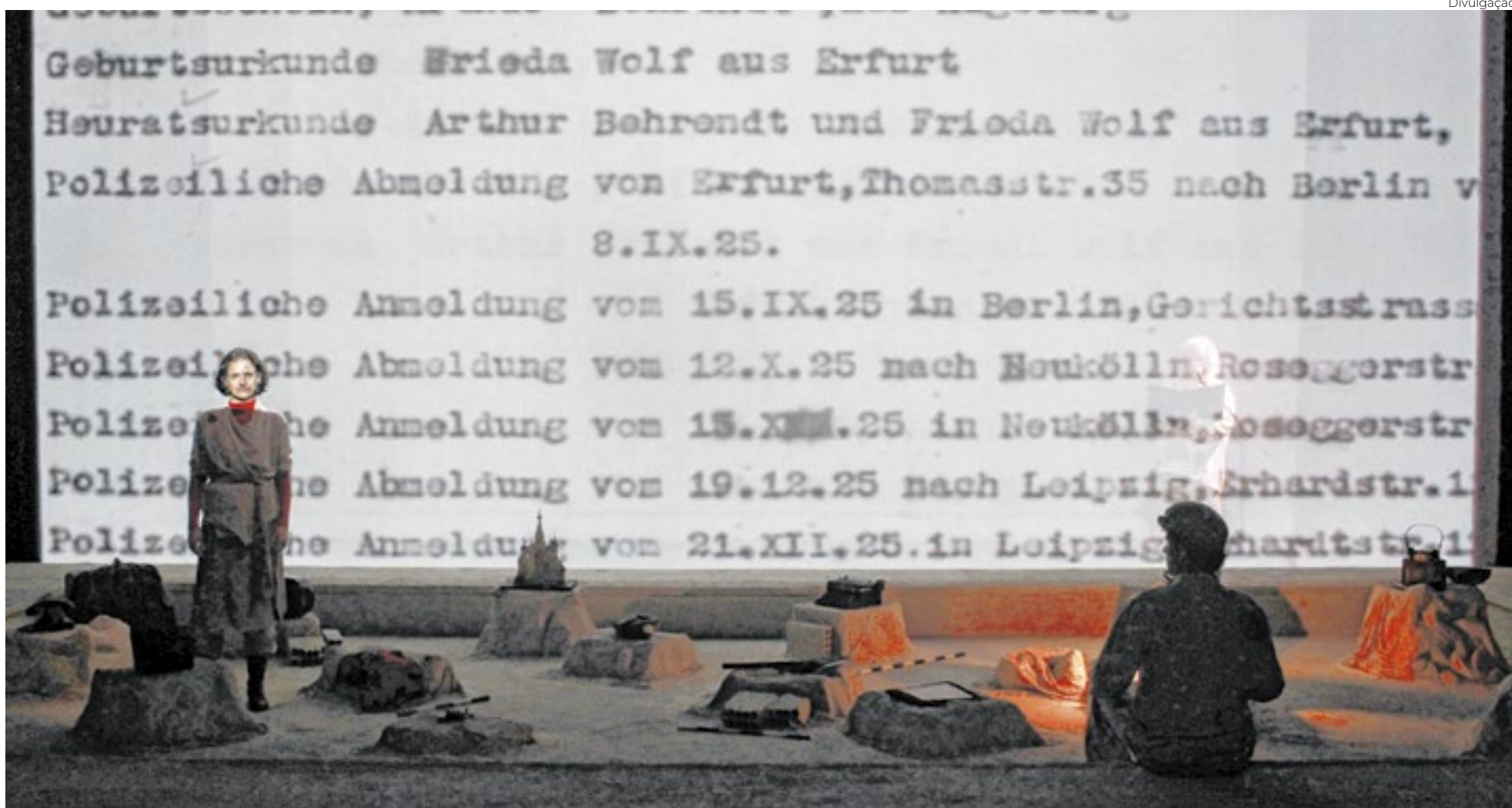
POR MEIO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS DE ÉPOCA, A COMPANHIA

ENSAIO ABERTO REVELA EM 'OLGA' A ENGENHAGEM DE

VIOLÊNCIAS POR TRÁS DA DEPORTAÇÃO DA ATIVISTA ALEMÃ

QUE ACABARIA ASSASSINADA NUM CAMPO DE

CONCENTRAÇÃO NAZISTA. PÁGINA 2



Projeções de documentos e arquivos de época reforçam a narrativa da montagem

Uma cadeia de violências reconstituídas

Companhia Ensaio Aberto encena a trajetória de Olga Benario Prestes a partir de arquivos em montagem documental

Em 1936, Olga Benario Prestes foi retirada de uma prisão no Rio, grávida de sete meses, e entregue pelo governo Getúlio Vargas à Alemanha nazista. O navio La Coruña saiu da Zona Portuária com destino à Europa, levando uma militante que acabaria assassinada seis anos depois, na câmara de gás de Bernburg. É a partir desse ponto da história — e da proximidade física com ele — que a Companhia Ensaio Aberto volta a encenar “Olga”, no Teatro Vianinha, dentro do Armazém da Utopia.

O Armazém da Utopia fica na Região Portuária, onde a cidade ainda carrega marcas de circulação, trabalho, violência de Estado e apagamento. A montagem propõe que o episódio seja percebido em sua materialidade: a mulher presa e embarcada à força no por-

“Os documentos, mesmo os aparentemente mais claros, não falam senão quando sabemos interrogá-los”

LUIS FERNANDO LOBO

to atravessou o Atlântico sob custódia e foi devolvida ao país que operava uma máquina de extermínio sob a hegemonia nazista.

Luiz Fernando Lobo assina dramaturgia e direção. O trabalho se apoia em pesquisa em arquivos brasileiros, europeus e americanos e adota a linguagem do teatro documental. A referência explicitada pela companhia é a tradição formulada por Erwin Piscator e desenvolvida por Peter Weiss: uma cena que toma documento, registro e testemunho inseridos

como matéria dramática. “Os documentos, mesmo os aparentemente mais claros, não falam senão quando sabemos interrogá-los”, afirma Lobo, recorrendo a uma formulação do historiador Marc Bloch.

Essa escolha impede que “Olga” se resuma a uma biografia ilustrada. A trajetória da militante é conhecida, mas as circunstâncias de sua deportação ainda exigem leitura aprofundada.

Nascida em Munique, em 1908, ela ingressou ainda adoles-

cente no movimento comunista, passou por Moscou e chegou ao Brasil nos anos 1930 numa missão política ligada a Luiz Carlos Prestes, com quem se casou. Depois da repressão ao levante de 1935, foi presa em 1936. A decisão de Vargas de entregá-la à Gestapo, mesmo grávida, colocou o Estado brasileiro dentro de uma cadeia de violência que a montagem devolve ao centro da cena.

Olga deu à luz Anita Leocádia na prisão. A criança sobreviveu após uma mobilização internacional, enquanto a mãe foi mantida sob custódia nazista até morrer em 1942. O relato costuma adquirir a forma de uma sucessão de datas trágicas; o desafio do espetáculo é devolver espessura humana a essa sequência sem diluir a responsabilidade política envolvida. A companhia parte de papéis, fotografias, prontuários e versões oficiais para perguntar quem construiu esses registros, o que eles silenciam e quais vozes permanecem fora do enquadramento.

Tuca Moraes interpreta Olga e também responde pela direção de produção. Ao seu redor, está o núcleo artístico da Ensaio Aberto,

companhia fundada em 1992 por Moraes e Lobo, com trajetória dedicada ao teatro épico e a obras que tratam o palco como espaço de debate da realidade. O elenco reúne Ana Clara Assunção, Bibi Dullens, Dani Arreguy, Daniel de Mello, Gilberto Miranda, Kyara Zenga, Leonardo Hinckel, Luiz Fernando Lobo, Mateus Pitanga, Rossana Rússia e Nicholas Peixoto, estagiário artístico.

J.C. Serroni assina a cenografia; Beth Filipecki e Renaldo Machado, os figurinos; Cesar de Ramires, a iluminação; e Felipe Radicetti, a direção musical e a trilha original. Cada uma dessas áreas trabalha, em princípio, com fragmentos de época, corpos e documentos. A promessa é dar forma cênica a uma história que chega ao presente por registros incompletos e por narrativas frequentemente organizadas pelo ponto de vista de quem exerceu o poder.

O posicionamento político da montagem é assumido. Lobo relaciona a rememoração de Olga à persistência de práticas autoritárias e à circulação contemporânea da extrema direita. Não se trata de esconder a tese atrás de uma suposta neutralidade, mas de expor as escolhas que sustentam a peça. A advertência de Walter Benjamin, citada pela produção — o pedido de rememoração das derrotas, e não de gratidão pelas vitórias — ajuda a definir essa perspectiva.

SERVIÇO

OLGA

Teatro Vianinha (Armazém da Utopia - Avenida Rodrigues Alves, 299, Zona Portuária) Até 28/9, sexta a segunda (20h) Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Aí vem a (diretora da) ‘Noiva!’... comandar a gôndola

Meses depois de lançar um terror feminista com Jessie Buckley, Maggie Gyllenhaal expande seu prestígio ao comandar o júri do Festival de Veneza, onde exhibe um curta ‘hors-concours’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Responsabilizada pelas decisões mais controversas do time de juradas/os da Berlinale de 2017, quando o Urso de Ouro foi para a húngara Ildikó Enyedi, a atriz e diretora Maggie Gyllenhaal vai se envolver em novas provocações a partir desta quarta-feira, tão logo “Ink”, de Danny Boyle, dê a largada para o 83º Festival de Veneza. Desta vez, essa estrela presidirá o coletivo avaliador, aplicando suas reflexões críticas aos títulos indicados ao Leão dourado.

Aos 48 anos, Maggie se dirige a seu posto, no Lido, num momento de conversão de sua trajetória: a figura famosa por atuações intensas firma seu nome, cada vez mais, como cineasta. É dela a responsabilidade de conduzir a avaliação dos 21 filmes em concurso, numa seleção que traz veteranos do naipe de Werner Herzog, Hirokazu Kore-eda e Lee Chang-dong. O festival acontece até 12 de setembro e o Brasil estará nesse certame, representado por uma coprodução com a Itália, rodada em Porto Alegre, mas ambientada na Argentina: “Retorno a Buenos Aires”.

É o novo exercício autoral do chileno de ascendência italiana Marco Bechis, diretor de “Terra Vermelha”. O longa é produzido por Fandango, 39 Films e Karta Film, em parceria com a brasileira 34 Filmes e a Rai Cinema. O enredo acompanha o ativista Mariano Guerra, que retorna à Argentina depois de 33 anos para testemunhar no processo contra militares da ditadura que o sequestraram, torturaram e mantiveram em cativeiro.

Para Maggie, Veneza será um local de encontro com expressões geopolíticas como a de Bechis, mas também será uma espécie de palco de confirmação para seus talentos de contadora de histórias com a câmera na mão. Além de julgar os concorrentes, ela apresenta “Flesh Impact”, um curta de



Maggie Gyllenhaal assume a presidência do júri de Veneza

“Não li ‘Frankenstein’ quando precisava, mesmo tendo cursado Letras/Inglês, o que me leva a querer entender o que sua autora, Mary Shelley, teria a nos dizer sobre o mundo de hoje”

MAGGIE GYLLENHAAL

22 minutos exibido fora de competição. A produção é estrelada por Ellen Burstyn (homenageada do evento), Dakota Johnson, Sepideh Moafi e Peter Sarsgaard (seu marido). É a história de uma misteriosa mulher idosa que aparece para uma audição num pequeno teatro de Nova York, enquanto relatos sobre sua carreira começam a revelar segredos e equívocos sobre sua identidade. Maggie assina roteiro e direção.

O curta aprofunda uma mudança profissional que começou com “A Filha Perdida”, estreia de Maggie na direção que chegou à competição de Veneza em 2021 e lhe rendeu uma indicação ao Leão

de Ouro. O longa deu a ela a laurea de Melhor Roteiro na terra das gôndolas. Cinco anos depois, ela volta ao Lido não apenas como realizadora, mas como a autoridade responsável por presidir o júri que definirá os rumos da mostra. Ao seu lado estarão a tunisiana Kaouther Ben Hania, o compositor britânico Daniel Blumberg, o pesquisador italiano Francesco Casetti, o francês Xavier Giannoli, a afegã Shahrbanoo Sadat e o diretor de Hong Kong Johnnie To.

A respeitabilidade que ela conquista acontece depois de uma experiência comercial bem menos favorável. Segundo dados de bilheteria, “A Noiva!”, seu segundo

longa, produzido com orçamento estimado em US\$ 80 milhões, somou cerca de US\$ 24 milhões mundialmente. O resultado ficou muito abaixo das expectativas para uma produção da Warner Bros. liderada por Jessie Buckley e Christian Bale. O fracasso nos cinemas, contudo, não encerrou a vida do filme. Ao contrário: a releitura punk e feminista de “A Noiva de Frankenstein”, de James Whale, encontrou uma segunda circulação no ambiente doméstico e chegou aos catálogos da HBO Max e da Prime Video. É nesse território que o filme vem consolidando uma reputação de obra de culto, alimentada por sua combinação pouco convencional de horror, romance, musical e melodrama.

“A Noiva!” transformou a criatura de Mary Shelley em uma mulher que precisa descobrir a própria voz. É um reflexo de Maggie. Filha dos cineastas Stephen Gyllenhaal e Naomi Foner, ela começou a atuar no início dos anos 1990 e, três anos depois de sua estreia em “Waterland”, mudou-se de Los Angeles para Nova

York para estudar Literatura na Columbia University. Foi nesse período que, segundo ela própria contou, percebeu uma lacuna curiosa em sua formação:

“Não li ‘Frankenstein’ quando precisava, mesmo tendo cursado Letras/Inglês, o que me leva a querer entender o que sua autora, Mary Shelley, teria a nos dizer sobre o mundo de hoje”, afirmou a atriz e diretora em entrevista online na época da estreia de “A Noiva!”.

Foi justamente a memória da leitura tardia de Mary Shelley, combinada ao impacto de “A Noiva de Frankenstein”, que alimentou seu segundo longa. A figura da personagem interpretada por Elsa Lanchester em 1935 tornou-se, para Maggie, uma oportunidade de inverter a lógica de um imaginário cinematográfico no qual as mulheres frequentemente ocupavam o lugar de objeto. A identificação com a cineasta Ida Lupino — atriz que também assumiu a direção e enfrentou gêneros dominados por homens — aparece inclusive na escolha dos nomes de personagens de “A Noiva!”.

Paramount Pictures



'Tadeo Jones' é uma celebração ao legado de Harrison Ford como o arqueólogo dos longas de Spielberg

Gegopolítica animada

Chegada ao Brasil do fenômeno ibérico Tadeo Jones, do japonês 'One Piece' e da comédia erótica escandinava 'Espermagedom' prova que a animação não quer se limitar a Hollywood

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Duas animações passaram a marca do bilhão de janeiro para cá, "Toy Story 5", da Disney, e "Super Mario Galaxy", da Illumination, o que não ofusca o fato de que, em 2025, a maior receita cinematográfica do planeta, em venda de ingressos, foi um desenho chinês: "Ne Zha 2 - O Renascer da Alma", que contabilizou cerca de US\$ 2,2 bilhões. Pouco a pouco, o terreno que antes só falava o inglês do Mickey Mouse ou do Shrek passou a falar outros idiomas. Não por acaso, o circuito exibidor brasileiro começa a abrir espaço, ainda que timidamente, para uma geração de animações estrangeiras que não depende exclusivamente do CEP de Hollywood para chegar às crianças.

Um dos sinais dessa mudança será a estreia, em 8 de outubro, de "As Aventuras de Tadeo e a Lâmpada Mágica", quarto longa



Filme da Galinha Pintadinha pode ser o fenômeno nacional de 2026

da franquia espanhola criada pelo diretor Enrique Gato. A produção, distribuída pela Paramount Pictures, chega às salas brasileiras depois de circular pelo mercado ibérico e encontra um calendário que, nas próximas semanas, reúne filmes de animação da Noruega, do Brasil e do Japão.

A chegada de Tadeo aconte-

ce num momento especialmente interessante para a animação internacional. Em 10 de setembro, duas produções de naturezas radicalmente diferentes entram em cartaz: a norueguesa "Espermagedom", com seu humor de matriz adulta e DNA associado ao Porta dos Fundos, e "Papaya", longa de Priscilla Kellen que vem

construindo trajetória em festivais internacionais. No primeiro, duas histórias se desenvolvem em paralelo: de um lado, os adolescentes Jean, vivido por Gregório Duvivier, e Lisa, interpretada por Evelyn Castro, descobrem o amor e atravessam sua primeira experiência sexual; do outro, Semerson, dublado por Fábio Por-

chat, é um espermatozoide que parte com seus companheiros rumo ao grande objetivo de sua existência: o óvulo.

Na mesma quinta-feira chega "Papaya", de Priscilla Kellen, uma das animações brasileiras que vêm desmontando a ideia de que cinema infantil nacional precisa necessariamente se limitar a



'One Piece - O Filme', animação japonesa de 2000 chega ao Brasil mais de duas décadas depois de sua produção original



'Papaya' encantou a Berlinale e chega agora aos cinemas



A animação norueguesa 'Espermageddon', com seu humor de matriz adulta, conquistou a crítica

fórmulas televisivas ou a personagens já conhecidos. Exibido na Berlinale e no BAFICI, o longa foi selecionado para o Festival de Munique e acompanha uma minúscula semente de mamão que se recusa a criar raízes porque sonha em voar. A produção é uma coprodução Brasil-França e foi apresentada no BAFICI como

uma obra de imaginação visual exuberante, construída com cores intensas, formas geométricas e uma narrativa sem diálogos.

Há, em "Papaya", um banquete de sinestesia: o colorido lisérgico dialoga com a musicalidade de Tulipa Ruiz enquanto a montagem de Elaine Steola transforma a trajetória da pequena semente

numa aventura ecológica e existencialista. Ao observar uma joaninha voar, a protagonista deseja conquistar os céus, embora não tenha asas. Quando percebe a violência provocada pelo predatismo industrial da agricultura, passa a questionar o próprio significado de liberdade. É um filme que aposta na capacidade da anima-

ção de falar com as crianças sem subestimar a inteligência delas.

A programação continua em 17 de setembro com "One Piece - O Filme", animação japonesa de 2000 que chega ao Brasil mais de duas décadas depois de sua produção original, em versão inédita dublada em português. Luffy e os Chapéus de Palha partem em busca do lendário tesouro do pirata Woonan e acabam envolvidos numa disputa com Eldorado, um pirata ambicioso que também persegue a fortuna. O lançamento integra um projeto que levará três longas clássicos de "One Piece" às salas brasileiras ainda em 2026.

Uma semana depois, em 1º de outubro, o público infantil brasileiro terá um candidato de peso para o posto de fenômeno nacional: "Galinha Pintadinha - O Filme". A personagem criada por Juliano Prado e Marcos Luporini completa 20 anos justamente quando chega pela primeira vez às telas em um longa original para o cinema. A produção da Bromelia, distribuída pela Imagem Filmes, tem como ponto de partida uma cegonha atrapalhada que troca o ovo da Galinha Pintadinha pelo de um gavião. O Pintinho Amarelinho nasce no ninho do predador, enquanto um gaviãozinho surge na Vila das Galinhas, obrigando a protagonista a vencer seus medos para recuperar o filho. A estreia está confirmada para 1º de outubro.

É nesse corredor de lançamentos que "As Aventuras de Tadeo e a Lâmpada Mágica" aparece como uma aposta particularmente curiosa. Tadeo Jones não é uma novidade absoluta para o mercado internacional: criado por Enrique Gato, o personagem se transformou numa das franquias mais reconhecidas da animação espanhola, numa espécie de primo ibérico de Indiana Jones. Sua nova aventura leva Tadeo, Sara, Múmia, Jeff e Belzoni a uma viagem através do tempo depois que

o protagonista desencadeia acidentalmente um antigo feitiço.

O filme parte de uma ideia simples e eficaz: Tadeo e Sara agora são pais de Olímpia, ou Oli, uma menina de dois anos, e Múmia não consegue lidar com a perda do posto de centro das atenções. Ao encontrar a misteriosa lâmpada das "Mil e Uma Noites", ele formula um desejo para voltar ao período em que era jovem e admirado. O gesto interfere no curso da História e desencadeia uma aventura que atravessa diferentes épocas e civilizações, passando por Londres, Paititi, Grécia e Oriente Médio.

O que diferencia Tadeo, porém, não está apenas na trama. A franquia compreendeu que o público infantil contemporâneo cresceu sob a lógica dos videogames, dos vídeos curtos e das plataformas digitais. Sua linguagem visual, por isso, trabalha em regime de aceleração permanente. A paleta de cores é um frenesi deliberado, transformando cada cenário em uma espécie de brinquedo óptico, enquanto a montagem salta de um espaço a outro sem conceder muito tempo para a contemplação. A computação gráfica espanhola ganha, assim, uma exuberância quase de HQ.

Essa velocidade não significa necessariamente superficialidade. "As Aventuras de Tadeo e a Lâmpada Mágica" entende que, para as novas gerações, a própria imagem precisa acompanhar a velocidade da atenção. A direção de arte multiplica cores, formas e luminosidades; a ação muda constantemente de escala; e a trilha de Zacarías M. de la Riva funciona como uma espécie de motor invisível da narrativa, conferindo à aventura o impulso épico que a aproxima do cinema arqueológico sem abandonar sua vocação infantil.

A presença de Tadeo nas salas brasileiras também ajuda a ampliar a geografia da animação comercial disponível para o público. Em vez de uma temporada dominada exclusivamente por produções americanas, setembro e outubro apresentam um pequeno mosaico que passa pela Noruega, pelo Brasil, pelo Japão e pela Espanha. Não se trata ainda de uma revolução no mercado — Hollywood permanece dominante —, mas de uma fresta importante para filmes que chegam carregados de identidades culturais próprias.

E a própria "Galinha Pintadinha - O Filme" mostra que essa disputa não acontece apenas entre países. Ela também é interna: o Brasil possui personagens infantis com alcance suficiente para enfrentar, em condições próprias, as grandes franquias estrangeiras. A Popó chega ao cinema depois de duas décadas de presença em vídeos, músicas e produtos e, segundo sua produtora, tornou-se uma marca internacional presente em mais de 30 países.

EM CONCERTO

MARCUS VERAS



Antonio Meneses, Rosana Lanzelotti e David Chew

Meneses e Vivaldi em formato digital

A Biscoito Fino homenageou violoncelista Antonio Meneses (1957-2024), lançando no formato digital a integral das Seis Sonatas de Vivaldi para violoncelo e baixo contínuo. O trabalho foi gravado em CD e DVD por Meneses e pela cravista Rosana Lanzelotti, com a participação de David Chew, entre 2008 e 2009, em duas das mais belas igrejas barrocas do Rio de Janeiro,

Nossa Senhora da Glória do Outeiro e a Nossa Senhora do Bonsucesso. O primeiro vídeo já está no YouTube e os áudios no Spotify. Para Rosana, foi uma experiência emocionante tocar com Antonio Meneses, a quem considera “um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos, com especial talento para a música barroca”.

Cordas espanholas

Um recital para os fãs da música espanhola vai reunir cinco instrumentistas da Associação de Violão do Rio de Janeiro (que recentemente foi declarada Patrimônio Imaterial da Cidade): Paulo Pedrassoli, Mário da Silva, Augusto Cornelius, Richard Martin e Nicolas de Souza Barros. No repertório, Isaac Albéniz, Manuel de Falla, Francisco Tárrega e Joaquín Rodrigo entre outros. Dia 5 de setembro, sábado, às 17:00, no Espaço Cenáculo (rua Almirante Tamandaré, 66). Ingressos a partir de R\$ 20,00

Eu recomendo

“Nenhum de nós é inocente”, de Edwin Prevost (Numa Editora). O percussionista e pensador propõe a ideia de “metamúsica”: uma escuta expandida que entende o som como processo, diálogo e construção social através de ensaios, narrativas e notas críticas.

Música antiga

O Espaço Guiomar Novaes da Sala Cecília Meireles recebe na próxima terça-feira (8) às 18h30, o grupo Música Antiga da Universidade Federal Fluminense (UFF). No programa, obras de Tromboncino, Arcadelt, Pesenti, Des Prez e Ortiz entre outros. Ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia).

Viva Chico Mário

Já está no Spotify o volume dois do Projeto Chico Mário (1948-1988), “Dança do Mar”, com o Quarteto Kalimera (foto), arranjos de Tomaz Soares. Marcos Souza, filho do compositor, pontua que a ideia é “apresentar a obra desse artista, que foi um dos precursores do disco independente no Brasil, com novos arranjos e grande intérpretes”.



Divulgação



Fernando Young/Divulgação

Jota Quest vai mostrar o repertório do disco no Rock in Rio

Jota Quest revisita o ‘síncrónico’ Tim Maia

‘Dance Enquanto é Tempo’ reúne 16 faixas, com participações de Negra Li, Thiaguinho, Mãeana, Os Garotins Tony Tornado e dueto póstumo com o homenageado

AFFONSO NUNES

Em 1996, antes de lançar o primeiro álbum, os integrantes do Jota Quest precisaram telefonar para Tim Maia. Queriam gravar “Dance Enquanto é Tempo”, uma escolha que escapava do repertório mais óbvio do cantor e que, segundo a banda, foi bem recebida por ele. Dois meses depois de se encontrarem pessoalmente, Tim morreu. Trinta anos mais tarde, o grupo mineiro transforma aquela aproximação breve em “Jota Quest & Tim Maia — Dance Enquanto é Tempo”.

São 16 faixas, entre elas sete lançadas previamente em singles e bundles digitais, oito novas releituras e a abertura inédita “Seroma”. A seleção mistura sucessos e lados menos previsíveis de Tim Maia: “Descobridor dos Sete Mares”, “Gostava Tanto de Você”, “Não Quero Dinheiro”, “Azul da Cor do Mar” e “Primavera” convivem com “Acenda o Farol”, “Vou com Gás”, “Vale Tudo” e “Racional Culture”.

A lista de participações é grande. Negra Li em “Descobridor dos Sete Mares”; Thiaguinho, em “Réu Con-



Divulgação

“Nossa ligação com Tim Maia, apesar de breve, foi muito forte e intensa”

PJ

fesso”; Mãeana aparece na combinação de “Você” com “I Don’t Know What to Do With Myself”; Os Garotins e Carlinhos Brown participam de “Que Beleza”.

Tony Tornado dá ao álbum um dos seus momentos mais simbólicos. Aos 96 anos, ele volta a se encontrar com o Jota Quest três décadas depois de ter participado do primeiro disco da banda, na faixa

“Há Quanto Tempo”. No novo projeto, sua voz reaparece em “Sossego”, ao lado do filho Lincoln.

Outro elemento delicado é o uso de vozes originais de Tim em algumas faixas. O disco foi realizado com apoio e anuência de Carmelo Maia, filho do cantor e responsável pelo espólio artístico.

O baixista PJ assina a produção musical, com coprodução de Carmelo Maia. A ficha técnica reúne músicos como Milton Guedes, Mauro Refosco, Jake, Hilton Lima e Danilo Mendonça, além de cordas, metais e vocais de apoio. A instrumentação indica uma ambição que ultrapassa a banda tocando de frente para o repertório. O soul de Tim sempre foi poroso a samba, funk, jazz, balada romântica e música espiritual; reabri-lo hoje exige lidar com essa mistura sem simplificá-la numa estética nostálgica.

O álbum chega num momento de dupla comemoração. O Jota Quest completa 30 anos de carreira e relança, em versão remasterizada e também em vinil, o disco de estreia “J. Quest”. A homenagem ao cantor, portanto, devolve a banda ao ponto em que sua própria história começou. “Nossa ligação com Tim Maia, apesar de breve, foi muito forte e intensa”, afirma PJ. Rogério Flausino lembra que a ideia de um tributo acompanhava o grupo desde o encontro dos anos 1990 e encontrou agora sua ocasião mais clara.

O desdobramento ao vivo já tem data e endereço: no dia 6 de setembro, o Jota Quest leva “Jota Quest Toca Tim Maia” ao Palco Sunset do Rock in Rio.

Do Prêmio Eisner para a CCXP26

Quadrinistas premiados marcarão presença no maior Artists' Valley da história da CCXP

PEDRO SOBREIRO

As histórias em quadrinhos são a alma da CCXP. Se não fosse pelo amor dos fãs à sétima arte, muito provavelmente o evento não existiria. Por isso, por mais que a presença dos grandes astros de Hollywood sempre roube a cena para o grande público, a curadoria do festival sempre dedica uma atenção mais do que especial ao Artists' Valley, uma área especial, localizada no coração da feira, que reúne lendas dos quadrinhos e artistas independentes.

Para a edição 2026, a CCXP apostou firme nos maiores nomes da atualidade, além de trazer um dos maiores quadrinistas de todos os tempos: Brian Michael Bendis.

Em entrevista exclusiva ao Correio da Manhã, o diretor executivo da Omelete Company, Thiago Romariz, falou um pouco mais sobre essas novidades e sobre a curadoria do Artists' Valley.

“Cara, vou te falar, em nome do Ivan [Costa], que é o nosso curador do Artists' Valley desde a primeira CCXP. Acredito que esse ano será o maior e o melhor Artists' Valley que a gente terá, se não de todas as CCXP, mas com certeza dos últimos anos. No caso do Absolute DC é muito louco, porque é um selo que acabou de ganhar, tipo, tudo que é Eisner que você imaginar aí, né? E a gente vai trazer boa parte da galera do Absolute Batman, por exemplo, para essa edição”, comentou Romariz.

Das páginas para a feira

Um dos grandes desafios desse ramo é conseguir encaixar a CCXP na agenda de quadrinistas requisitados. E isso só é possível graças ao trabalho de Ivan Costa, sócio-fundador da CCXP e curador do Artists' Valley.



Reprodução/ DC Comics



Divulgação/ CCXP

Artistas da premiada Era Absolute, da DC Comics, marcarão presença em peso na CCXP26

Cocriador do Homem-Aranha de Miles Morales e uma das principais mentes da HQ's neste século, Brian Michael Bendis estará na CCXP26, que acontece de 3 a 6 de dezembro, em São Paulo

“Eu não tenho dúvidas de que, no pós-pandemia, esse será o maior de todos os Artists' Valley”

THIAGO ROMARIZ

“Por incrível que pareça, ainda temos alguns anúncios enormes de quadrinistas para fazer. E foi uma curadoria feita com muito critério pelo Ivan, que sempre traz um line-up incrível de artistas brasileiros e internacionais. É sempre muito difícil fazer esse tipo de curadoria, não só para você conseguir encaixar as datas de todo mundo que vem de fora, mas também dos próprios artistas que ficam com mesas ali no Valley, né?”, disse.

Ele ressaltou também o inte-

resse dos artistas nacionais e participarem do evento.

“Esse ano a gente chegou muito perto de bater o recorde de inscrições para conseguir as mesas, e está sendo um trabalho incrível. É um trabalho desse time que está cada vez mais conectado com o que a comunidade e o público de cultura pop olha. Se você perguntar para qualquer fã de quadrinhos, hoje, qual quadrinho pode indicar, Absolute DC é a primeira coisa que vem em mente. É uma das linhas de

maior sucesso do DC na história. E a gente vai ter um punhado de artistas que vão estar lá para isso, incluindo brasileiros. O Rafael Albuquerque está fazendo o Arqueiro Verde Absolute e vai estar lá. Tem o Jock, que faz o Batman. É, cara, não falta nome grande e eu acho que o Artists' Valley pinça essa ideia de trazer a CCXP para o âmago do que o fã quer e que o que ele é, o que ele tá consumindo o ano inteiro, sabe?”, afirmou Thiago.

Dentre os nomes confirma-

dos do Absolute DC, estão: Juan Ferreyra, Javier Rodríguez, Jock, Rafa Sandoval, Rafael Albuquerque, Marcelo Maiolo, Carmine Di Giandomenico e Frank Martin. De lendas das HQ's, nomes como Brian Michael Bendis, Todd McFarlane, Mark Waid e John Romita Jr. estarão presentes na CCXP, que ainda anunciará mais nomes até dezembro.

“Eu não tenho dúvidas de que, no pós-pandemia, esse será o maior de todos os Artists' Valley”, concluiu Thiago Romariz.



Eclipse Rio

O Rio dormiu naquela madrugada. Ou quase. Porque havia uma lua lá fora pedindo para ser vista. Na madrugada do dia 28, a Cidade Maravilhosa ganhou um céu diferente. Por alguns instantes, o cotidiano perdeu a pressa. As janelas se abriram. Os olhos procuraram o alto. Câmeras apontaram para o firmamento.

E o carioca, acostumado a fotografar o mar, as montanhas e o pôr do sol, descobriu que também havia beleza acontecendo muito acima do cartão-postal. A Lua, lentamente, vestiu outra cor. Como se uma sombra delicada atravessasse sua face. Como se o céu tivesse colocado um filtro sobre a noite.

E o fotógrafo, diante daquele espetáculo, pouco podia fazer além de contemplar. Porque há momentos em que a fotografia é apenas uma tentativa de guardar o que os olhos já sabem que jamais conseguirão explicar. Lá embaixo, o Rio. Silencioso. O Cristo Redentor recortado na escuridão. O Pão de Açúcar, quase uma silhueta. A Baía de Guanabara refletindo pequenos pontos de luz. Prédios acesos. Uma ou outra janela insone. Lá em cima, o Universo. Imenso. Antigo. Indiferente às nossas pequenas urgências. O eclipse talvez tenha servido para isso: lembrar nossa dimensão. Ou melhor, nossa falta dela.

Somos pequenos demais. Minúsculos. Passageiros. Enquanto discutimos o trânsito, o relógio, as contas, os amores que chegam e os que partem, estrelas continuam nascendo e morrendo a distâncias que a nossa imaginação não alcança. Galáxias se movem. Mundos giram. A Via Láctea nos envolve como uma gigantesca espiral de luz. E nós? Nós apenas olhamos. Pequenos pontos sobre uma cidade iluminada. Para alguns, há misticismo. Há quem veja no eclipse sinais. Portais. Presságios. Uma conversa secreta entre o céu e a Terra. Outros preferem a ciência. Os cálculos. As órbitas. A precisão quase perfeita dos movimentos celestes.

Mas, diante da beleza, talvez essas diferenças pouco importem. O fenômeno é para todos. A beleza é unânime. O céu não pergunta no que acreditamos antes de nos oferecer um espetáculo. Ele simplesmente acontece. E naquela madrugada aconteceu sobre o Rio. Talvez seja essa uma das grandes magias desta cidade: poder olhar para cima e encontrar, entre montanhas e edifícios, uma janela para o infinito.

O carioca costuma dizer que mora numa cidade maravilhosa. Naquela noite, por alguns minutos, percebeu que a maravilha era ainda maior. O Rio estava aqui. A Lua estava ali. E, entre os dois, uma imensidão. Um silêncio. Uma fotografia. O eclipse terminou. A Lua voltou a iluminar a noite. As pessoas fecharam as janelas. As câmeras foram guardadas. A cidade retomou seus ruídos. Mas alguma coisa ficou. Talvez a sensação de que somos apenas passageiros nesta imensa Via Láctea que nos rodeia. Pequenos diante do universo. Gigantes, porém, quando conseguimos parar por alguns minutos para contemplá-lo. E naquela madrugada, sob o céu do Rio, foi exatamente isso que fizemos. Paramos e olhamos.

